

Semana de pressão para o Copom

O Comitê de Política Monetária (Copom) se reúne nesta semana sob forte pressão para que o Banco Central ceda e reduza a taxa de juros, um cenário pouco provável. A tendência é de manutenção da taxa Selic em 13,75% ao ano, embora setores do governo afirmem que não há risco iminente de pressão inflacionária. Com um cenário externo adverso, recessão no mundo e desaceleração da economia brasileira, a preocupação não está localizada apenas na Selic; mas na escalada do *spread* bancário, a elevada margem que os bancos cobram nos empréstimos.

Embora a discussão sobre o tamanho da Selic esteja intensa nos bastidores do governo, as críticas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva aos juros elevados estão relacionadas, principalmente, às taxas praticadas no mercado. Lula está especialmente irritado com a escalada do *spread* bancário.

A postura de maior cautela e a defesa da tese de que é possível se esperar um pouco mais para definir se a Selic deve mesmo ser reduzida considera, também, o comportamento da taxa de câmbio. Existe o temor de que uma

redução da Selic, ou mesmo uma simples sinalização de que a tendência é de queda dos juros básicos da economia, sirva de combustível para o aumento de preços. Pior, numa situação limite teria potencial para desencadear uma desvalorização mais acentuada do real com risco cambial ao País. Desde o agravamento da crise internacional, o real já se desvalorizou em 61,5%.

■ Recessão

A sinalização de que os juros vão baixar poderá, inclusive, ser a senha para a escalada do repasse da variação cambial para os preços. Em 2003, em pleno processo eleitoral e posse do presidente Lula, os mercados também foram contaminados por uma crise de confiança e a saída foi aumentar os juros. O BC, na época, elevou a taxa Selic de 17% ao ano para 26,5% em um momento de incertezas quanto à capacidade de pagamento do País. A situação hoje tem outras peculiaridades. O temor não está relacionado diretamente a um ou outro país, mas às consequências da recessão já iniciada nos Estados Unidos, Europa e Japão. Para o Brasil, a perspectiva é de uma desaceleração da economia.